

## O DESENVOLVIMENTO DO ADULTO À LUZ DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL - REAFIRMANDO AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS AO ENSINO SUPERIOR

Cleverson Carlos Pereira <sup>1</sup>  
Natália Capristo Navarro <sup>2</sup>  
Karina Garcia Mollo <sup>3</sup>

### RESUMO

O trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em educação que objetiva ver os sentidos da Extensão Universitária para a formação profissional dos discentes de uma instituição de Ensino Superior. Utilizada a pesquisa bibliográfica como instrumento metodológico, foram levantadas algumas obras e feito buscas de pesquisadores que trabalham com o desenvolvimento do adulto à luz da perspectiva Histórico-Cultural, bem como com as teorias de Vigotski sobre o desenvolvimento do ser humano. Ao falar do desenvolvimento do adulto e tentar aproximar a perspectiva histórico-cultural para isso, transitamos por conceitos da psicologia na área de desenvolvimento. Dentro deste trabalho pode-se aproveitar dos estudos da psicologia histórico-cultural para entender melhor o desenvolvimento do adulto, que assim como o desenvolvimento da criança, também perpassa pela interação com o outro. A partir da intensa afirmação que o ser humano sofre transformações, principalmente devido as relações estabelecidas socialmente, chegamos a parte final que privilegia a Extensão Universitária como potencializadora do crescimento do indivíduo. As teorias de desenvolvimento apresentadas, elas se encaixam como reafirmação neste espaço de Educação Não Formal, onde os projetos de Extensão Universitária são ofertados.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento do Adulto, Extensão Universitária, Perspectiva Histórico-Cultural, Educação Não Formal.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento do adulto à luz da perspectiva histórico-cultural com objetivo de verificar a potencialidade da Extensão Universitária para a formação do discente do ensino superior, bem como o desenvolvimento de todos os envolvidos no projeto desde a Universidade até a Comunidade. Acreditando que o ser humano é constituído de suas relações sociais estabelecidas, a Extensão Universitária se torna um lugar privilegiado para reafirmar as teorias da perspectiva Histórico-Cultural sobre o desenvolvimento do sujeito. Além disso, as diretrizes da Extensão Universitária baseiam-se na interação dialógica, onde os sujeitos envolvidos se desenvolvem mutuamente.

---

Este artigo é resultado de pesquisa do Doutorado em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP/CAPES/CNPQ.

<sup>1</sup> Pós-Graduando pelo Curso de Doutorado em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, Professor EBTT do Instituto Federal Baiano – IFBaiano, bolsista CAPES, [cleversonmg@yahoo.com.br](mailto:cleversonmg@yahoo.com.br);

<sup>2</sup> Pós-Graduando pelo Curso de Mestrado em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, Bolsista CNPQ, [natalia\\_capristo@hotmail.com](mailto:natalia_capristo@hotmail.com);

<sup>3</sup> Professora orientadora do Programa de Pós Graduação em educação da UNIMEP e coautora: Doutora, Univerdidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, [karinagmollo@gmail.com](mailto:karinagmollo@gmail.com).

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

## O desenvolvimento do Adulto na perspectiva histórico-cultural

O desenvolvimento pode ser definido sucintamente como uma mudança, processos que levam a uma transformação. Estes processos de mudanças e renovação ocorrem durante toda a trajetória de vida do sujeito e estão interligados a um agrupamento complexo de intervenções. Na abordagem histórico-cultural é postulado o desenvolvimento humano como sendo resultado da interação entre quatro planos genéticos — a filogênese, a ontogênese, a sociogênese e a microgênese (Vigotski, Luria, Wertsch, Oliveira e Rego).

Considerando a teoria trabalhada por Jesús Palacios, ele enfatiza três dos quatro elementos, fazendo uma síntese desses processos de desenvolvimento:

- Primeiro ao plano ontogenético, que tem a ver com a fase da vida em que a pessoa se encontra, dando início a uma certa similaridade entre todos os sujeitos que se encontrem em uma determinada fase de sua vida individual.
- Segundo ao plano sociogenético, que se refere às condições culturais, históricas e sociais em que vida do indivíduo se passa, começando a se destacar similaridades entre as pessoas de um dado grupo social, que vivem uma mesma cultura, no mesmo tempo histórico.
- Terceiro ao plano microgenético, que se trata de experiências particulares de cada um e não se difundem a outras pessoas, introduz elementos característicos que fazem com que o desenvolvimento psicológico seja um fato ímpar, que não ocorre da mesma maneira em dois indivíduos (PALACIOS, 1995).

Palacios valoriza a constituição do ser humano através das transformações provocadas pela interação social, pelo contato material com a cultura já produzida e com as pessoas que a compartilham, pela transformação ofertada pelo indivíduo a natureza e esta modificada transforma-o também. Percebe-se que ele reconhece o ser humano diante do momento histórico que ele vive, não sendo o mesmo indivíduo de outra época de sua própria vida, pois já sofreu diversas transformações provocadas pelos elementos analisados. Ele reconhece que todo ser humano, significa as suas experiências de formas diferentes tornando-o um sujeito único.

Para Palacios, as mudanças mais importantes para a constituição do desenvolvimento humano não estão atreladas na biologia, mas na psicologia do indivíduo, nas circunstâncias histórico-culturais, nas particularidades da história presenciada e nas experiências de vida pessoal. Percebe-se em Palacios, um tanto das teorias de Lev Vigotski. Vigotski não dispensava a ideia da filogênese, pelo contrário ele considerava o que já se entendia da evolução biológica do ser humano, juntamente com a ontogênese. Para ele apesar de diferentes ordens, estão intimamente interligados. A evolução natural e a cultural estão cruzadas como fios de um

tecido, onde o desenvolvimento histórico do homem perpassa dialeticamente por essas ordens fundamentalmente diferentes.

Se, na filogênese, a evolução natural precede a cultural que ela possibilita, na ontogênese as duas linhas estão entrelaçadas, a ponto de não poderem ser separadas, a não ser por abstração. O desenvolvimento histórico do homem constitui, portanto, como diz Vigotski, "uma unidade dialética de duas ordens essencialmente diferentes". (PINO, 1999, p. 5)

Vigotski sinalizou em sua obra a importância do acesso à cultura para todo indivíduo. Já que o crescimento do sujeito perpassa pelo desenvolvimento cultural. Para ele, a cultura é gerada pela atividade do homem, ligada então ao trabalho, e gerada pelas relações sociais. O desenvolvimento cultural é um processo cuja a origem é necessariamente social e não individual (Pino, 1999). Ele faz um achado muito importante, pois as funções superiores (culturais) já existem na vida social, diferente das funções elementares (biológicas) que iriam se desenvolver no indivíduo, neste caso, a criança.

Vigotski, devido ao curto tempo de vida, trabalhou com a concepção de desenvolvimento das funções superiores na infância, mas isso não quer dizer que ele acreditava que o desenvolvimento do indivíduo só ocorria neste período. Não houve tempo hábil para se dedicar a outras idades da vida do homem, como por exemplo, entender melhor o desenvolvimento do adulto. Angel Pino, traz essa colocação sobre o desenvolvimento acontecer por toda a vida de uma pessoa, ele extraiu de uma das obras publicadas de Vigotski:

Antes de começar a análise da história do desenvolvimento das funções mentais superiores, no texto que leva esse título (idem, vol. 4), Vigotski lembra, em uma espécie de alerta ao leitor, que se a infância é um momento privilegiado para a análise dessas funções, pois é quando elas começam a constituir-se em um momento de intenso desenvolvimento biológico, é apenas o começo de uma história de transformações que duram a vida inteira. Reduzir a análise psicológica dessas funções à infância equivaleria a ficar na sua "pré-história". (PINO, 1999, p.6)

Pode-se assim tentar entender o desenvolvimento do adulto na perspectiva de Vigotski, através daquilo que foi deixado por ele referente a infância, podendo aplicar também ao adulto, principalmente porque o principal legado dele foi mostrar o que mais temos de humano, é o que aprendemos com o outro, com o que foi transmitido historicamente durante anos, sendo modificados diante das necessidades do próprio homem

O ser humano na fase adulta é inserido no trabalho, já viveu diversas situações familiares, já se apropriou da cultura de seu povo e conheceu outras, tornando-se um ser mais complexo para entender do que uma criança. O adulto inserido em uma cultura, com uma história longa de experiências, de conhecimentos acumulados e constituído através de suas

relações sociais são muito mais difíceis de ser comparados com outro adulto que se constituiu em um outro centro cultural, familiar e em outro círculo de relações sociais.

A questão que se apresenta aqui é, então, como caracterizar a idade adulta. A definição dela como sendo um estágio psicológico de estabilidade e ausência de mudanças importantes (quase que excluído, portanto, da própria essência do desenvolvimento) é, claramente, inadequada. Mesmo dentro de uma perspectiva generalizante essa asserção é falsa, na medida em que os adultos, tipicamente, trabalham, constituem família, se relacionam amorosamente, aprendem em diferentes dimensões da vida, educam seus filhos, têm projetos individuais e coletivos. Todas essas características trazem, em si, potencial para profundas transformações. (OLIVEIRA, 2004, p. 217)

Cada adulto tem suas próprias reflexões a respeito do mundo material, de si e dos outros. Tornando-o mais do que nunca, um ser humano ímpar, com possibilidades mais plenas de desenvolvimento em relação a uma criança, pois traz consigo diferentes habilidades e dificuldades adquiridas ao longo da vida. Com esse arcabouço de experiências vividas aumenta sua capacidade de reflexão durante momentos de aprendizagem e contato com um novo conhecimento (OLIVEIRA, 2004).

Vigotski se apropriou das ideias de Marx, em que o meio de trabalho, conjunto de coisas que o ser humano interpõe entre ele e o objeto de seu trabalho, são como condutores da sua ação. Sendo que o instrumento de trabalho não é apenas um objeto fabricado, é uma ideia materializada, potencializadora de conhecimento, passando a ser entendido como objeto cultural, um meio de transformação do mundo e do ser humano.

No pensamento de Vigotski, a produção de instrumentos e de sistemas simbólicos viabilizou a transformação da natureza em cultura e com isso os próprios homens mudaram de um ser natural para um ser cultural. Então o indivíduo, precisa ter acesso aos mediadores entre o homem e o mundo, que são os instrumentos e sistemas simbólicos (PINO, 1999). Vigotski introduziu a mediação semiótica - ao estabelecer afinidades entre signos (sistema simbólico) e instrumentos, como a maneira de mediação com o mundo material e com o mundo social.

Esse duplo sistema de instrumentos-signos possibilita ao ser humano o poder de transformar a natureza, as coisas e a si próprio. O mundo de natureza simbólica é o mundo da cultura. O mundo natural continua existindo em si, mas só passa a ter significado para os homens e as mulheres quando mediado pelos signos, em especial a linguagem (significado da palavra) porque é através dessa mediação que o ser humano se constitui culturalmente e propicia que seu meio natural se transforme em um meio sociocultural. (FRANCO E MOLON, 2008, p. 170 e 171)

A apropriação dos instrumentos implica uma reorganização na natureza biológica e instintiva, originando assim as funções superiores (lembrar, pensar, falar, ter capacidade de planejamento, memória, imaginação, consciência) que têm seu fundamento nas relações sociais que os indivíduos firmam com o meio social em que vivem. Devido as constantes

transformações que ocorrem na sociedade, o homem passa por contínuas modificações, ocasionado um perpétuo movimento, homem transforma o meio, meio transformado modifica o homem, este sempre criando novos objetos que garantam seu processo de adequação sócio ambiental. Nota-se aqui as influências da obra de Marx/Engels para a concepção da teoria de Vigotski e do próprio materialismo histórico dialético (LOPER, 2011). Também Leontiev fala do processo de hominização, onde o homem se torna humano pela utilização de instrumentos culturais. Loper em seu trabalho de dissertação contribuiu:

Para Leontiev (1978), o processo de hominização pelo qual todos nós passamos ao nos inserirmos em nossa sociedade, passa necessariamente pela utilização de certos instrumentos culturais. Para esse autor, não há aptidões e características especificamente humanas que tenham sido transmitidas por hereditariedade biológica; todas foram adquiridas no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes. Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana (LOPER, 2011, p. 29 e 30).

A perspectiva histórico-cultural iniciada por Vigotski, tenta mostrar que o conhecimento não é apenas aprendido ou assimilado, mas é tecido na relação com outro indivíduo, com a mistura de culturas, na internalização do mundo construído e modificado. A vida adulta possibilita outros horizontes para o desenvolvimento do sujeito como vimos acima, suas histórias de vida, entrelaçadas com a história de outros e do mundo, possibilita reflexões mais profundas a um novo conhecimento. Tentaremos, no decorrer do artigo, verificar as contribuições que os espaços não formais de educação, principalmente os oportunizados pela Extensão Universitária, são potencializadores das transformações ocorridas na vida adulta das pessoas, reafirmando a perspectiva histórico-cultural.

### **Extensão Universitária – Potencializadora das Transformações dos Adultos**

A Extensão Universitária, como um tripé da universidade, indissociável do Ensino e da Pesquisa, alavanca a relação transformadora entre a universidade e a comunidade (ou sociedade). No momento em que o campo de atuação da Extensão ultrapassa os espaços físicos da instituição de ensino superior, ela possibilita o contato do discente com o mundo real e com a prática cidadã junto à comunidade do seu entorno. Caracterizando o local em que a Extensão Universitária acontece em sua essência, em Espaços Não Formais de Educação.

A pesquisadora Maria da Gloria Gohn afirma que a Educação Não Formal tem campos que correspondem a sua área de abrangência, sendo:

1º A aprendizagem política dos direitos dos sujeitos, enquanto cidadãos;

2º Capacitação para o trabalho, identificação de habilidades e/ou potencialidades;

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

- 3º Aprendizagem para o exercício de práticas para solução de problemas do cotidiano;
- 4º Aprendizagem dos conteúdos da educação formal em formas e espaços diferenciados;
- 5º Educação desenvolvida na e pela mídia, em especial a eletrônica;
- 6º Educação para a vida relacionando-se com as práticas políticas e sociais de seu entorno. (GOHN 2005, p. 45)

Estes campos de abrangência da Educação Não Formal, habilita os sujeitos envolvidos deste processo a si desenvolverem pela interação com o outro. A Extensão Universitária faz o papel de troca de saberes sistematizado, acadêmico e popular, sendo um processo educativo, cultural e científico, em que a universidade encontra através dos projetos de extensão, uma sociedade que oportuniza o desenvolvimento do indivíduo que se gradua, pelas práxis do conhecimento acadêmico associado ao conhecimento do cotidiano de uma comunidade.

A Educação Não Formal torna a Extensão uma oportunidade única de atingir mais pessoas, independentemente da idade, classe social e contextos socioculturais.

[...] encaramos as práticas da educação não formal como passíveis de serem aplicadas a todos os grupos etários, de todas as classes sociais e em contextos socioculturais diversos, gerando oportunidades de crescimento individual e grupal pela participação em processos de transformação social engendrados por tais experiências educativas. (VON SIMSON; PARK; SIEIRO, 2001, p. 18).

Para a FORPROEX (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras) a extensão estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, tendo como resultado um conhecimento científico que leva em consideração a realidade brasileira e regional, levando e recebendo instrução com a participação efetiva da comunidade. No I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, em Brasília, foi pactuado um novo conceito para a Extensão:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 1987).

No que tange ao desenvolvimento adulto, a Extensão Universitária valida as teorias de desenvolvimento de Vigotski, e estas por sua vez, corroboram para o entendimento desse processo educativo. Vigotski se fundamentou nas teorias de Marx e Engels sobre o Trabalho.

E Angel Pino (1999), cita uma tradução feita por ele de uma obra de Marx (1977), do conceito do próprio Marx sobre Trabalho:

O trabalho é antes de tudo um ato que se passa entre o homem e a natureza. Nele, o homem desempenha face à natureza a função de uma força natural. As forças de que seu corpo é dotado, braços e pernas, cabeça e mão, ele as põe em movimento a fim de assimilar matérias dando-lhes uma forma útil para a sua vida. Ao mesmo tempo que por este movimento ele age sobre a natureza exterior e a transforma, transforma sua própria natureza e desenvolve as faculdades adormecidas nela [...] O resultado ao qual chega o trabalho preexiste idealmente na imaginação do trabalhador (PINO, 1999, p. 3)

Percebe-se que o homem, utiliza das suas forças motoras para agir sobre a natureza transformando-a, esta por sua vez transformada, transforma a vida do homem e o próprio homem. É nessa perspectiva, que os Espaços Não Formais de Educação das comunidades no entorno da universidade, contribuem para sistematizar o que aquela sociedade produziu no decorrer dos anos, caracterizando aquelas pessoas pela sua cultura. Todo grupo de pessoas produzem seus meios de existência, e na produção de sua vida material os indivíduos se constituem, principalmente através das relações formadas. Segundo Marx e Engels, 1976:

Produzindo seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material [...] O que eles são coincide, portanto com a sua produção, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como eles o produzem. Portanto, o que os indivíduos são depende das condições materiais da sua produção [...] Esta produção não aparece senão com o aumento da população. A qual pressupõe da sua parte relações dos indivíduos entre si. Por sua vez, a forma dessas relações é condicionada pela produção. (apud PINO, 1999, p. 3)

A Extensão Universitária coloca a comunidade a pensar sua produção material, como produzem, as relações estabelecidas através dos meios de produção de sua existência, fazendo as pessoas refletirem sobre si mesmos e seus vínculos, a pensar em nas suas necessidades e como tentar satisfazê-las. Se naturalmente o trabalho desenvolve as faculdades adormecidas do indivíduo, nessa relação dialética entre natureza e o homem, a Extensão potencializa este desenvolvimento por sistematizar a reflexão sobre o ser transformado.

Se por um lado a universidade transforma a vida de uma comunidade, esta oferece tanto quanto a universidade. Por exemplo, os discentes oriundos do ensino superior envolvidos nos projetos de extensão, têm o contato com a prática dos conhecimentos científicos aplicados na sociedade e analisam o modo de produção, qualquer que seja este, dentro da localidade que participa do empreendimento. Então, se constrói relações com o mundo externo à instituição, seja material ou entre as pessoas, provocando também as conexões de desenvolvimento psíquico. Na verdade, é realmente uma via de mão dupla, os sujeitos de ambos os lados se desenvolvem, agora mais que isso, os dois sujeitos se interagem, interagem com os mundos e

se integram nas trocas de saberes durante suas relações. Podendo através dessas relações, despertar o crescimento individual através do outro, afetando o modo de ser dos envolvidos. Conforme destaca Oliveira (2006), entendendo as concepções de Vigotski,

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Portanto, a interação social, seja diretamente com outros membros da cultura, seja através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. (OLIVEIRA, 2006, p. 38).

Voltando a Pino, ele relata um circuito representado por quatro elementos, Trabalho, Modo de Produção, Relações Sociais e Modo de Ser, que têm a ver com essas trocas que ocorrem nas relações dos homens com a natureza e entre eles mesmos:

Isso quer dizer que, se o modo de produção, qualquer que ele seja, condiciona as relações dos homens com a natureza e deles entre si, ele determina as condições de existência dos homens não apenas materiais, mas também culturais. Estas, por sua vez, vão condicionar o conjunto da vida social - a maneira como as relações sociais se estruturam - e, finalmente, o modo de ser dos homens. Cria-se assim, a partir do trabalho, uma espécie de "circuito" onde o modo de ser dos homens, cuja essência, segundo Marx, são as relações sociais, depende do modo de produção, que, por sua vez, depende daquele. [...] Mas na medida em que cada ser humano existe e se constitui em e por esse coletivo, a história pessoal e a história coletiva estão profundamente imbricadas, de forma que aquela está condicionada pelo curso que toma esta. (PINO, 1999, p. 4 e 5)

Exemplificado este "circuito" abaixo:

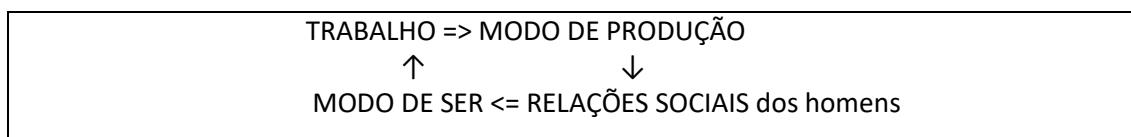


Figura 1: diagrama do ciclo "modo de produção" <math>\leftrightarrow</math> "modo de ser" dos homens (PINO, 1999).

Vigotski faz algo similar associando a especificidade produtiva da atividade humana ao homem e a cultura. De forma que o Trabalho (atividade técnica e semiótica) exercida pelo Homem transforma o mundo material em cultura, em contrapartida o próprio Homem é transformado pela Cultura. Pino (1999) representa este esquema:

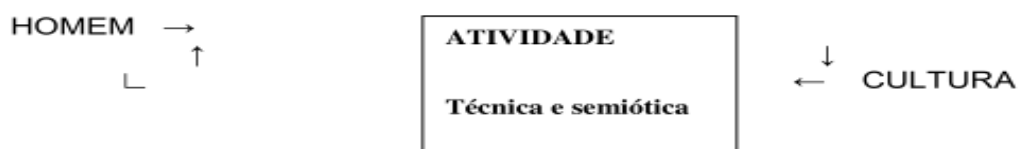


Figura 2: Diagrama de atividade produtiva, retirada do texto do Pino, 1995.

A importância do discente ter contato com a prática nos espaços não formais, permite que ele próprio tem o contato direto com o modo de produção, este por sua vez estabelece relações entre os envolvidos, que de alguma forma alterará o seu modo de ser, pois a cultura



gerada transforma o sujeito. Também quando se analisa alguns dos objetivos pactuados ao longo da existência do FORPROEX, percebemos o quão a Extensão Universitária desempenha um papel importante, através das relações formalizadas, de modificação do modo de ser do indivíduo que por sua vez muda a sociedade. Deveria existir uma série de mudanças promissoras nessa interação dialógica entre Universidade e Comunidade, onde ambas deveriam sair beneficiadas, conforme a Política Nacional de Extensão Universitária (2012) menciona:

1. Reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade;
3. Contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais do País;
5. Estimular atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade;
7. Possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do País;
9. Priorizar práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais (por exemplo, habitação, produção de alimentos, geração de emprego, redistribuição de renda), relacionadas com as áreas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho;
11. Considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais; (PNEU, 2012, p. 9 e 10)

Não podemos deixar de falar da ressignificação das experiências, através do contato com o outro, proporcionada pelos ambientes da Educação Não Formal, que muitas das vezes, acontece também de maneira informal. O ser humano, com respeito a um fato vivido no passado, consegue atribuir-lhe significados diferentes em um outro momento, ou talvez validá-lo. Essa capacidade de ressignificação de um aprendizado do passado, viabiliza que em outro momento da vida, em outro espaço, em outra situação, com novos parceiros, o indivíduo faça uso da sua experiência de uma nova maneira, totalmente adaptada a este novo evento. Com isso, tanto o discente, quanto para o sujeito da comunidade, muda sua percepção de mundo.

Cada indivíduo é diferente, ele se constitui diante de sua história, na verdade cada um é a própria história, pois o passado é ressignificado no presente. As condições concretas de existência de um indivíduo no seu meio social ou em um novo meio social, habilitará seu desenvolvimento cultural através da educação que este ambiente proporciona. Esta educação pode ser informal, não formal e dentro de instituições de educação formal. Marta Oliveira (1997) corrobora com essas ideias sobre o desenvolvimento do indivíduo em seus trabalhos:

[...] se dá no interior de uma determinada situação histórico-cultural, que fornece aos sujeitos, e com eles constantemente reelabora, conteúdos culturais, artefatos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

materiais e simbólicos, interpretações, significados, modos de agir, de pensar, de sentir. [...] Do mesmo modo, outros fenômenos do desenvolvimento, originalmente provenientes de características da espécie ou das fases de desenvolvimento individual (por exemplo, o treino para controle das funções excretoras, a aquisição da linguagem, a velhice), recebem significação e tratamento peculiar dentro de cada cultura. (apud Oliveira, 2004, p. 214)

Verifica-se então, a importância de se meditar nos caminhos distintos dos diferentes sujeitos e que não há apenas um único modo de funcionar as funções psicológicas para o desenvolvimento do ser humano. Por exemplo, ser adulto, trabalhador, estudante, participante de sindicato, membro da associação de bairro ou de algum comitê de reformas políticas, ser pais de família, membro de grupo religioso e militante de partido político, são conjunturas que, em diferentes parcerias e com diferentes significados, constituindo formas singulares de construção de conhecimento e de aprendizagem, evidenciando que o desenvolvimento psicológico é um processo de constante transformação e de geração de singularidades.

O indivíduo em cada interação com o mundo externo, tem uma nova trajetória ímpar, que traz consigo novas possibilidades de interpretação e ressignificação. Fazendo do contato com uma nova cultura ou com pessoas que tem um olhar diferente do mesmo mundo, um potencializador de crescimento individual e coletivo, onde o desenvolvimento é completamente diferente em cada sujeito. Oliveira (1997) é mencionado:

[...] a imensa multiplicidade de conquistas psicológicas que ocorrem ao longo da vida de cada indivíduo gera uma complexa configuração de processos de desenvolvimento que será absolutamente singular para cada sujeito. [...] Em cada situação de interação com o mundo externo, o indivíduo encontra-se em um determinado momento de sua trajetória particular, trazendo consigo certas possibilidades de interpretação e ressignificação do material que obtém dessa fonte externa. (apud OLIVEIRA, 2004, p. 214)

Independente do indivíduo, em qualquer cultura, ele tem ao seu alcance tantos modos de pensar quantos forem os diferentes tipos de atividade que ele esteja envolvido. Fazendo que todo pensamento humano, em qualquer cultura, seja naturalmente heterogêneo. Então a Extensão Universitária, propõe também aumentar as atividades dos sujeitos envolvidos, podendo fazer com que estes pensem de forma diferente, aumentem seu poder de reflexão. Onde o desenvolvimento do indivíduo possa ser explicado a partir das diversas atividades que ele se envolve. Explicado por Peter Tulviste, um psicólogo e político da Estônia, com trabalhos fundamentados na chamada “teoria da atividade” de Leontiev:

Tulviste tem como centro de seu argumento a ideia de que a construção de uma psicologia cultural deve utilizar a atividade não meramente como um contexto em que o funcionamento psicológico ocorre, mas como um princípio explicativo: a mente, sua origem e desenvolvimento, seriam explicados por meio da atividade. Nesse quadro, os ciclos de vida, isto é, os ciclos culturalmente organizados de passagem dos sujeitos pela existência humana, poderiam ser definidos a partir dos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

tipos de atividade em que os sujeitos estão envolvidos e os correspondentes instrumentos, signos e modos de pensar. (OLIVEIRA, 2004, p. 216)

O interessante que neste fluxo de benefícios devido esse estreitamento entre Universidade (Educação Formal) e sociedade (Educação Não Formal ou Informal), está o professor, se qualificando, ressignificando a teoria através da prática, gerando uma rede de crescimento pelos contatos que este estabelece diariamente durante anos. E neste turbilhão de benefícios da educação não formal, através da Extensão, também está o próprio conhecimento produzido dentro da instituição, reafirmando-se ou modificando-se em prol do homem, e transformando o próprio homem.

### **Metodologia**

Tomada a pesquisa bibliográfica como instrumento metodológico, procurou-se inicialmente investigar os estudos sobre a temática abordada que já foram construídos e publicados até 2018, a saber, o desenvolvimento do adulto, educação não formal e extensão universitária. Para esse fim, foi feito um levantamento de artigos e periódicos, em bibliotecas digitais como SciELO, banco de teses e dissertações de grandes instituições como Unicamp, USP, UNESP, que pudessem esclarecer o que vem sendo discutido sobre a questão.

O início da construção dessa pesquisa, se deu em aulas da disciplina Desenvolvimento Humano e Teorias Pedagógicas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP do curso de Doutorado. As aulas foram ministradas pela professora Dr<sup>a</sup>. Karina Garcia Mollo, que dentro do programa da disciplina, trouxe referências como Vigotski, Piaget, Wallon, Skinner, Newton Duarte, Lígia Martins, Demerval Saviani e Angel Pino. Depois das leituras propostas pelo plano de ensino desta disciplina, venho a necessidade de pesquisar sobre o desenvolvimento do adulto, já que se fala com muito mais frequência do desenvolvimento infantil. O desenrolar dessa pesquisa se apoiou na perspectiva histórico-cultural, tendo como referência o pouco que Vigostki deixou sobre o desenvolvimento do adulto.

O trabalho faz um caminho no desenvolvimento humano, passando para os espaços não formais de educação para assim chegar na Extensão Universitária, lugar privilegiado para o desenvolvimento do adulto fora de espaço institucionalizado.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos no decorrer das leituras e estudos feitos, a importância do papel da Extensão Universitária como alicerce do Ensino Superior. A extensão pelo fato de ocorrer fora dos muros da universidade, ela não é menos importante, como consideração alguns. Pelo contrário, os

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

Espaços Não Formais de Educação têm um potencial imenso para o desenvolvimento do indivíduo e se tratando dos projetos de extensão esse crescimento é amplo, pois tanto a universidade sai ganhando com a comunidade local. Estes espaços acabam por reafirmar a teoria de desenvolvimento do sujeito diante da perspectiva histórico-cultural e esta, dialeticamente reafirmar o potencial destes espaços de educação.

## REFERÊNCIAS

FRANCO, J. B.; MOLON, S. I. **Aproximações entre educação não formal e trabalho mediadas por uma perspectiva socioambiental e de classe.** Cadernos de educação. Pelotas, FaE/PPGE/UFPel, Jan./Junho, 2008.

I FORPROEX - ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1987, Brasília. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>> acesso em: abril de 2019.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. Política Nacional de Extensão. Manaus – AM. Maio de 2012. Disponível em: <[proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf](http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf)> acesso em: março de 2019.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LOPER, A. A. **O atendimento educacional de uma criança com necessidades especiais na UTI: ressignificando vivências.** Londrina: UEL, 2011.

OLIVEIRA, M. K. **Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto.** São Paulo: Educação e Pesquisa, v. 30, n.2, p. 211-229, 2004.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo histórico.** São Paulo: Scipione, 2006.

PALACIOS, J. Introdução à psicologia evolutiva: história, conceitos básicos e metodologia. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.) **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PINO, Angel. **A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação.** Psicologia da Educação, São Paulo, v. 7/8, p. 29-52, 1999.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs.). **Educação não-formal: cenários da criação.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.